

AS CONTRIBUIÇÕES DAS NOVAS TECNOLOGIAS PARA A PRÁTICA DOCENTE

Elainy Mary Oliveira dos Anjos¹

Lívia Beatriz da Conceição²

Ozéas Pérciles Silva Damasceno³

RESUMO

A utilização dos recursos tecnológicos vem ocupando cada vez mais espaço nos diversos setores da sociedade e a escola precisa inserir-se nesse contexto proporcionando aos alunos e professores o acesso as novas tecnologias de informação e comunicação, contribuindo para ampliar as possibilidades de práticas pedagógicas diversificadas, ao acesso dos alunos a informação, bem como a ajudá-los a compreender como utilizar as novas tecnologias na busca de novos saberes tornando-os cidadãos capazes de utilizar esses recursos e refletir sobre a sua utilização e as consequentes contribuições para a sua formação. Nesse contexto o papel do professor e da escola é fundamental por se tratar de um ambiente que proporciona um saber sistematizado e que deve adotar práticas condizentes com a realidade e os anseios da Sociedade da Informação na qual está inserida.

Palavras-chave: Novas tecnologias. Trabalho docente. Aprendizagem.

ABSTRACT

The dealing of the new technological resources are in many sectors of the society and the school needs to get involved in this context to the students and the teaches the access to the new technologies of communication and information helping to enlarge the possibilities of innovation of the pedagogical praxis and the access of the students to information, even thought to help them to understand how to use this resources and think about its uses and the consequences to their formation. In this context, the school function is fundamental for

¹ Pedagoga da rede estadual do estado de Sergipe. Especialista em Tecnologias em Educação (PUC-RJ). Graduada em Pedagogia pela Faculdade Pio Décimo. Leciona desde 1998 nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Professora articuladora do Laboratório de Tecnologia Educacional do Colégio Estadual Leandro Maciel (SE). elainy_oliveira@hotmail.com

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Possui graduação em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2001) e mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (2004). liviabeatrizc@hotmail.com

³ Aluno Especial do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialista em Docência e Tutoria a Distância pela Universidade Tiradentes (Unit). Licenciado em Geografia pela Faculdade José Augusto Vieira (2008). profozeas@gmail.com

be a place that offers a systematic learning and that must adopt consistent practices to the reality and the needs of the society information in which it is included.

Keywords: New technologies. Teachers works. Learning.

INTRODUÇÃO

A utilização dos recursos tecnológicos vem ocupando cada vez mais espaço nos diversos setores da sociedade e na escola não poderia ser diferente. Muitos professores e membros da escola buscam conhecer e utilizar as novas tecnologias na sua prática. Mas o que se percebe inicialmente é a repetição da prática da sala de aula, só que em um novo espaço, fato que não condiz com a proposta de diversos educadores que visualizam um universo de possibilidades muito superior a uma mera utilização.

A tecnologia deve ser inserida no contexto educacional para proporcionar dinamicidade, interação, aguçar a criatividade e o senso crítico dos alunos, despertando neles a busca pelo conhecimento e o espírito investigativo. As novas tecnologias devem também contribuir para ampliar as possibilidades de práticas pedagógicas diversificadas, de acesso dos alunos a informação, bem como a ajudá-los a compreender como utilizá-las na busca de novos saberes tornando-os cidadãos capazes de utilizar esses recursos e refletir sobre a sua utilização e as conseqüentes contribuições para a sua formação.

Nesse contexto, o papel da escola é fundamental por se tratar de um ambiente que proporciona um saber sistematizado e que deve adotar práticas condizentes com a realidade e os anseios de uma sociedade contemporânea gerida pelo domínio do conhecimento que se encontra em constante processo de pulverização. Sendo assim, ignorar a existência e contribuição dos recursos tecnológicos e a incorporação das tecnologias como computadores, dispositivos e redes digitais que perfazem as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no ambiente escolar contradiz com os anseios da sociedade.

A inserção das TIC na educação formal, normalmente é associada à expectativa da transformação da prática do ensino e melhora na aprendizagem. Que os mais variados recursos disponíveis irão resolver os problemas da educação e da aprendizagem, não só porque eles vão além da sala de aula e dependem de outros fatores, mas sem dúvida, eles têm muito a oferecer e contribuir com a educação.

Este trabalho possibilita, portanto, a construção de reflexões sobre a importância da utilização desses recursos pelos educadores e a contribuição dessa nova prática para a vida escolar do aluno e para diversificar as metodologias aplicadas pelos professores, tendo em vista que a escola deve buscar suprir aos anseios da sociedade, não devendo atuar de forma destoante desta.

TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

O homem, ao longo da história da humanidade, sempre criou recursos tecnológicos para facilitar a sua existência. Foi assim com a roda, a lâmpada, o telefone, a televisão e tantos outros. E não é de hoje que a tecnologia contribui para a evolução e desenvolvimento da sociedade trazendo praticidade e oportunidades para os que fazem uso delas. Essas tecnologias passaram a fazer parte da vida humana e muitos segmentos fazem delas peças fundamentais para executar suas tarefas e ações. E quando se começa a dominar um recurso, outro logo aparece e exige uma atualização do que foi aprendido anteriormente. É certo que a cada substituição de um recurso tecnológico por outro superior é exigido também da sociedade o desenvolvimento novas habilidades que proporcionarão a utilização eficaz e coerente dessa nova ferramenta e é preciso ressaltar que essas habilidades estão se tornando cada vez mais complexas.

No entanto, graças a esses avanços muitas instituições modernizaram a sua forma de oferecer produtos e serviços. Os bancos, as lojas, supermercados, já não são os mesmos e a necessidade de dominar esses recursos torna-se indispensável. Desde um pagamento ao preenchimento de um formulário on-line são exigidas habilidades para sua utilização com eficiência e segurança. Essas mudanças que estamos assistindo há algumas décadas, justifica-se pelo surgimento de uma nova forma de organização econômica, social, política e cultural, identificada como Sociedade da Informação (SI) que comporta novas maneiras de trabalhar, de apreender de pensar, de comunicar, resumidamente, de viver. Esses aspectos relacionados ao impacto das tecnologias na sociedade atual e o uso das TIC na educação foi assinalados em 1994 através de um relatório encomendado pela Comunidade Europeia⁴.

⁴ O relatório "A Europa e a Sociedade Global da Informação Recomendação ao Conselho Europeu" assinado em 26 de Maio de 1994 na capital de Bruxelas, presidida por Martin Bangemann e elaborado pelos "Membros do Grupo de Alto Nível da Sociedade de Informação", onde aborda as medidas a serem adotadas pela Comunidade Europeia e os estados-membros para "o estabelecimento de infraestruturas do âmbito da informação". Disponível em <http://bookshop.europa.eu/pt/a-europa-e-a-sociedade-global-da-informa-o-pbCD8494290/?CatalogCategoryID=IR4KABst5vQAAAEjxZAY4e5L>.

Dessa forma, a sociedade caracteriza-se cada vez pela necessidade de formação contínua, as pessoas que tem capacidade de aprender novas habilidades e adquirir conhecimentos constantemente, sobrepõem-se as demais, e são mais interessantes a satisfação da sociedade capitalista, que tem requerido de nós cada vez mais conhecimentos e capacidade de adaptação. Pozo (2002, p. 12) “não cabe mais a educação proporcionar aos alunos conhecimentos como se fossem verdades acabadas; ao contrário ela deve ajudá-los a construir o seu próprio ponto de vista, sua verdade particular a partir de tantas verdades parciais”.

São constantes e significativas essas mudanças. E é fundamental que a escola prepare os seus alunos para participar ativamente dessa sociedade, contribuir com ela e ser ativo na busca e aquisição de novos conhecimentos. Libâneo (2003, p. 118) também enfatiza que não há dúvidas que:

Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada.

É preciso que as instituições educacionais reconheçam essas inovações e transformações e também deixar claro que nenhuma modernização substitui o papel e o trabalho desenvolvido pelo professor, pois a utilização da tecnologia pelos educadores deve servir para contribuir e facilitar a forma de interação e apreensão do conhecimento, a troca de experiências, a análise criteriosa das informações proporcionando uma formação humana e sua preparação para o trabalho.

Mas ao que parece, a escola anda na contramão dessas intenções e é sempre a última a desfrutar dessas possibilidades e ampliar seus horizontes para o que as novas tecnologias têm a oferecer. Não que as “novas” TIC sejam a solução para os problemas da educação, até mesmo porque, sua inserção nas instituições escolares segue a passos lentos, mas porque, segundo Libâneo (2003, p. 198):

A universalização e a melhoria da qualidade de ensino, a elevação da escolaridade, a preparação tecnológica e a formação geral, abstrata, abrangente e polivalente dos trabalhadores são fundamentais para toda a sociedade, especialmente quando se tem em vista, no mínimo a garantia da igualdade de oportunidades..., de modo

que gerem perspectivas democráticas de construção de uma sociedade moderna, justa e solidária.

Então a sociedade que se configura exige que a escola e os educadores contribuam com a formação dos educandos, tornando-os aptos a atuar nesse contexto, vencer obstáculos, superar dificuldades e serem capazes de inserir-se nela, tendo o conhecimento necessário para suplantar as dificuldades encontradas. O aluno precisa ver na escola a continuidade do que ele vivencia na sociedade. A escola não pode ser um mundo a parte, onde a vida em sociedade é uma coisa e a escola é outra, a dinamicidade da vida social se opondo a da vida escolar, é preciso gerenciar o novo e buscar aliados, porque está mais do que notório que a forma como a escola está estruturada não supre as necessidades do aluno e tão pouco as da sociedade. O uso das TIC nos mais diversos ambientes escolares é limitada, apesar do reconhecimento da potencialização que essas tecnologias têm em transformar as dinâmicas de trabalho, nas escolas e no processo de ensino aprendizagem nas salas de aula. Essa limitação está relacionada, segundo Coll, Mauri e Onrubia (2010 , p. 67), aos contextos de uso que pode ou não vir a ser uma realidade na qual as TIC estão em maior ou menor grau de utilização:

[...] no marco desses contextos, a finalidade ou afinidades perseguidas com a incorporação das TIC e usos efetivos que os professores e alunos venham a fazer dessas tecnologias em escolas e salas de aula - que acabam determinando seu maior ou menor impacto nas práticas educacionais e sua maior ou menor capacidade para transformar o ensino e melhorar a aprendizagem.

A explosão do uso das tecnologias obriga os diversos setores sociais fazer uso delas e na escola essa necessidade gerou um choque de gerações. O que é visto nas escolas, de um lado os professores, em sua grande maioria, vindos de uma geração onde as invenções passavam anos para serem superadas e outras ocuparem seu lugar e do outro os alunos que convivem com uma modernização latente que reforça o consumismo e exige de nós um contínuo aperfeiçoamento e adaptação. Diante dessas modificações sociais, qual é o papel da escola e dos educadores? Como inserir-se nessa sociedade e contribuir para a sua formação de forma efetiva? E o professor, qual o seu papel diante desse novo cenário? Mas como educar para o uso consciente das novas tecnologias, se ao menos se sabe fazer uso delas? Essas questões exigem bastante reflexão e mudanças de atitudes e valores.

TECNOLOGIA A SERVIÇO DA APRENDIZAGEM

A sociedade hoje é caracterizada como uma sociedade da aprendizagem, uma sociedade na qual aprender constitui não apenas uma exigência social crescente [...] como também uma via indispensável para o desenvolvimento pessoal, cultural e mesmo econômico dos cidadãos. (POZO, 2002, p.12).

E não podemos negar o fato de que o desenvolvimento tecnológico tem muito a contribuir com a aprendizagem, ele nos dá acesso a todo o tipo de informação, permite a divulgação e aquisição de saberes, oferece diferentes meios de aprendizagem e à proporção que esse desenvolvimento alcançou não permite aos profissionais e não somente aos professores, serem meros expectadores. É preciso buscar esse conhecimento. Do médico ao funcionário de uma loja, todos precisam tornar-se alunos e encarar o desafio de apropriar-se do conhecimento técnico necessário, para lidar com os parceiros tecnológicos que podem ser desde um aparelho de ressonância magnética a um software educativo. O fato é que os professores precisam ser aprendizes contínuos, e não me refiro a isso apenas pelo fato da exacerbção do uso das tecnologias na SI, mas também pela necessidade de estar sempre avaliando e implementando a sua prática.

E o perfil do professor? “Será um professor mais criativo, experimentador, orientador de processos de aprendizagem presencial e a distância. Será um profissional menos falante, menos informador e mais gestor de atividades de pesquisa, experimentação e projetos” (MORAN, 2005, p. 42).

E utilizar os recursos tecnológicos para auxiliar e contribuir para o ensino-aprendizagem ajudando o aluno a esclarecer, vislumbrar e levantar questionamentos a respeito dos temas estudados. Mesmo que o uso das TIC no âmbito educacional faça-se limitada seja pelo uso adequado ou não; o não uso, pela limitação de profissionais, quer seja por interesse, quer seja por decisão, ou outro motivo, um argumento inexorável quanto ao uso das ferramentas tecnológicas e especial as digitais, em particular, quando interligadas as ferramentas das tecnologias da informação e comunicação em geral, é inegável o seu potencial no aprendizado professor-aluno, uma vez que as TIC permitem não só fácil acesso a informação, mas permite uma grande interação fazendo como que possa-se vivenciá-la, transformá-la e compartilhá-la.

Grande parte dessas novas tecnologias estão ligadas ao uso da *Web 2.0*⁵, na qual envolve a participação, a criação, a interação por inúmeras formas de linguagem e motivação gerada por um processo de comunicação multidirecional, possibilitando Litto (2010) chama de “inteligência coletiva”, formada pela caracterização da liberdade de “compartilhamento” e de “participação” em uma “grande conversa e interação”. Tori (2010) afirma que as possibilidades tecnológicas da *web 2.0* estão chegando às escolas pelas mãos dos professores que estão migrando para esse novo paradigma, ou pela mãos dos próprios estudantes. e exemplifica que é através das redes sociais, dos blogs, das *wikis*, dos *tags*, dos editores online de textos, planilhas, apresentações e outras mídias, os *mashups*, mapas e tantos outros serviços e conteúdos criados e/ou enriquecidos pelos próprios alunos, necessitando apenas da utilização do navegador e do acesso a internet (TORRI, 2010, p. 219).

Para isso, professor precisa sentir-se seguro e apto a lidar com as TIC digitais. E os primeiros passos são: experimentar, tentar, estudar, buscar superar as dificuldades, buscando colaboradores e vendo no aluno um parceiro na construção do conhecimento, porque se por um lado ele tem um conhecimento técnico que muitas vezes suplanta o nosso, por outro ele necessita do nosso conhecimento pedagógico, da nossa orientação. Essa troca nos torna parceiros. E, se o objetivo maior, é desenvolver habilidades e produzir conhecimento, que essa troca seja fortalecedora e não inibidora da aprendizagem.

De fato parece difícil para muitos educadores inserir-se nesse contexto, mas vamos pensar que se os nossos filhos já crescem com um controle remoto nas mãos e executam comandos que muitas vezes nos surpreendem e é de se esperar que essa geração tenha muito a nos ensinar. E em contrapartida ela tem muito a aprender, principalmente porque com o imenso volume de informações eles precisam de orientações, e esse é papel dos educadores, mostrar possibilidades, caminhos, expor opções, mas nunca escolher por eles.

No marco dos processos de ensino e aprendizagem, a capacidade mediadora das TIC pode se desenvolver basicamente, em uma primeira aproximação, em duas direções. Em primeiro lugar, as TIC podem mediar *as relações entre os participantes – especialmente os estudantes, mas também os professores – e os*

⁵ *Web 2.0* foi proposto em 2004 por Tim O'Reilly, o termo ainda não bem definido e aceito por todos, mas bastante disseminado para designar uma segunda geração da internet que como tem princípio norteador o uso plataforma e navegadores de internet ou *browser*, onde a interação e o armazenamento de informações dos usuários não está especificamente em suas máquinas pessoais, mas na rede

conteúdos de aprendizagem. Em segundo lugar, as TIC podem mediar as *interações e as trocas comunicacionais entre os participantes*, seja entre professores e estudantes, seja entre os próprios estudantes. (COLL E ONUBIA, 2010, p.76).

O professor precisa ter autonomia para ampliar o conhecimento e o horizonte dos seus alunos e dar-lhes autonomia para enxergar as possibilidades. Existem inúmeros softwares educativos, que tornam a aprendizagem mais divertida. E a internet também possui ferramentas pedagógicas fantásticas e por que não fazer uso delas? Levar os alunos a uma viagem virtual pelo Egito, ao fundo do mar, apresentar-lhes museus ao redor do mundo, bibliotecas virtuais, conectá-los as grandes obras e lugares que são patrimônios da humanidade, fazê-los refletir sobre a importância de tudo isso para a visão de mundo e sua formação para o mercado de trabalho, sobre o que o mundo espera deles e como eles podem contribuir com o mundo.

O professor pode proporcionar tudo isso, afinal “ser professor não é dar aulas, não é instruir é cuidar que o aluno aprenda.” (DEMO, 1999, p. 15). O computador pode instruir o aluno, mas cabe ao professor cuidar da aprendizagem dele. Facilidades não existem, sucessos e fracassos devem ser encarados como uma possibilidade, se não de avançar, que seja de rever o que precisa ser melhorado. A escola precisa preparar o aluno para essa sociedade, visto que “a criança vive em um mundo que se prepara para o século 21 e frequenta uma escola do século 18 [...]” (VALENTE, 2001, p. 36). E essa barreira precisa ser transposta. A escola não pode viver em um mundo e levar outro para os seus alunos, pois neste contexto não existem duas realidades.

Mas para que a escola alcance seus objetivos, ela precisa tanto de recursos tecnológicos quanto de professores capacitados, além de projetos pedagógicos que proporcionem uma atuação diferenciada no espaço escolar. É preciso um esforço conjunto dos integrantes da escola para modificar a forma de atuação docente e conseqüentemente os resultados obtidos, mas é importante frisar que não apenas a inserção das novas tecnologias é que irão melhorar os resultados apresentados, elas não são salvadoras da pátria, o bom resultado dependerá muito mais da metodologia aplicada do que do uso de qualquer recurso tecnológico. Os objetivos propostos e a atuação profissional será muito mais decisiva. Elas devem servir para ajudar o aluno a ter contato com diferentes formas de saber e construir seu próprio conhecimento

Segundo Demo (2001) as instituições de ensino no Brasil não dão prioridade à produção de conhecimento por parte do aluno, elas dão um maior destaque a reprodução e ideias de pesquisadores que tem seus trabalhos e estudos consolidados nas academias do Brasil. Isso deixa a educação do nosso país deficiente e dificuldade a produção de material de pesquisa. Com a inserção das novas tecnologias e o advento da internet tem-se criado um novo paradigma que é a necessidade do aluno desenvolver sua criticidade e tirar suas próprias conclusões através de estudos e pesquisa, o que tende a ampliar e melhorar a qualidade da formação do aluno que se adapta e é exposto a essa concepção de ensino aprendizagem.

A verdade é que a inércia deve dar espaço à ação, e velhos modelos precisam ser substituídos por novos, e a educação oferecida precisa seguir um novo modelo, porque está claro que da forma como ela vem sendo conduzida há muito a ser melhorado, mas nunca é tarde para aprender, sempre é tempo de conhecer e apropriar-se dos métodos e técnicas e saber que em cada clique existe a possibilidade de apropriar-se de uma nova informação e de construir conhecimento.

A escola e as transformações sociais precisam caminhar juntas, ela não pode ser o último lugar onde as coisas acontecem. E essa realidade pode ser construída baseada em nossas ações. É claro que muitos não têm acesso a essas tecnologias, mas precisamos proporcionar esse contato, formar parcerias, prepará-los para lidar com esses recursos que participam e participarão de uma forma ou de outra de sua vida escolar e mais tarde serão fundamentais para a sua inserção no mercado de trabalho.

Muitas dificuldades permeiam essas ações. Os valores confundem-se e modificam-se ao longo do tempo, mas a partir da introdução das novas tecnologias no cotidiano escolar poderemos dar ao aluno uma visão mais abrangente dessas ferramentas e proporcionar-lhes novas formas de alfabetização (literária, gráfica, informática, científica, etc.). (POZO, 2002, p. 56) e ressaltar as contribuições delas para a sua formação. Tornar a escola um ambiente prazeroso que dê continuidade e aprimore os conhecimentos indispensáveis aos alunos.

Mas o que percebemos é que diante dessa nova realidade, a escola parece obsoleta e pouco atrativa para a comunidade que deseja formar. Já não é mais interessante ouvir o professor falar sobre situações que parecem estar muito longe do nosso cotidiano. São cada vez mais preocupantes os índices de evasão escolar e repetência. Se por um lado exige-se dos alunos uma gama maior de conhecimento e habilidades, por outro está cada vez mais

difícil fazer o aluno aprender. Pozo (2002, p. 41) afirma: Vivemos em uma sociedade da aprendizagem, na qual aprender constitui uma exigência social crescente que conduz a um paradoxo: cada vez se aprende mais e cada vez se fracassa mais na tentativa de aprender.

O que aprendemos precisa ter significado para despertar interesse e aprimoramento da formação do aluno. O trabalho da escola e do professor precisa acompanhar as exigências da sociedade para formar as pessoas que a compõe e as novas tecnologias, podem contribuir com essa busca, apesar de não ser a única alternativa de aprendizagem.

PROFESSOR INSTRUCIONISTA OU CONSTRUCIONISTA

A aprendizagem é resultante de um conjunto de fatores. Sabemos que não depende apenas do professor o sucesso ou fracasso ocasionado nesta ou naquela instituição, no entanto, sabemos que a postura que um professor, com condições mínimas de trabalho, adota diante do que pretende ensinar, tem muito a contribuir com os resultados obtidos. Segundo Almeida (2000, p. 37):

Não se busca uma melhor transmissão de conteúdos, nem a informatização do processo ensino-aprendizagem, mas sim uma transformação educacional, o que significa uma mudança de paradigma, que favoreça a formação de cidadãos mais críticos, com autonomia para construir o próprio conhecimento... O uso dos computadores em educação pode potencializar tais mudanças.

Diante disso, podemos dizer que o computador, pode ser usado para instruir os alunos sobre o que se deve ensinar ação ou contribuir para a construção e consolidação do conhecimento por parte do aluno. Por isso é mais importante aprender do que ensinar. Pode-se passar cinquenta minutos ensinando aos alunos sem que ele retenha o que se deseja, ou pode-se permitir que ele interaja com o professor a respeito do que se ensina e obter novas versões, opiniões, construção de conceitos e nessa interação perceber o potencial que eles tem para contribuir. Isso requer uma moderação pautada na abordagem construcionista. Cujas características principais são a noção de concretude como fonte de ideias e modelos para elaborações e construções mentais (ALMEIDA, 2000, p.35).

Incorporando-se este tipo de abordagem à prática pedagógica, pode-se trazer resultados surpreendentes e concretos. Esse tipo de abordagem depende muito mais de como você utiliza um recurso a seu tipo. Segundo Almeida (2000, p. 32):

O impacto das mudanças que ele poderia provocar ainda não ocorreu, embora existam modalidades de uso cujos ambientes de aprendizagem informatizados podem contribuir para transformações. Uma das formas é o emprego do computador como ferramenta educacional com a qual o aluno resolve problemas significativos. Isso pode ocorrer, por exemplo, através do uso de aplicativos como processador de texto, planilha eletrônica, gerenciador de banco de dados, ou mesmo de uma linguagem de programação que favoreça a aprendizagem ativa... O aluno pode ainda fazer uso de outros recursos disponíveis, tais como, redes de comunicação à distância ou sistema de autoria, para construir conhecimento de forma cooperativa ou para a busca de informações.

O que percebemos ao invés disso é que muitos professores adotam a postura instrucionista, seja pela falta de preparo para interagir com as novas tecnologias, seja pela rejeição a sua utilização no ambiente educacional. É bom ressaltar que mesmo adotando softwares educacionais instrucionistas e o professor, adotando uma postura questionadora pode proporcionar aos alunos uma aprendizagem reflexiva e proveitosa.

O importante é que os caminhos para a inserção das tecnologias ao ambiente educacional de forma significativa tem alcançado amplas discussões entre pesquisadores e estudiosos e isso é muito bom para o contexto educacional que queremos construir e para a sociedade que queremos formar.

CONCLUSÃO

A modernização trouxe grandes mudanças para a sociedade e em especial para a escola, pois se de um lado professores, em sua maioria, aprendizes tecnológicos os alunos de outro, tendo as tecnologias naturalizadas em suas vidas. Essa diferença deveria contribuir para fortalecer o perfil pesquisador do professor e exigir dele uma formação continuada permanente. Essa busca pelo aperfeiçoamento é inevitável, por diminuir as lacunas abertas que ficariam; de um lado um professor, aquele que ensina, sem preparo e com resistência às mudanças, do outro, o aluno, aquele que aprende, que naturalmente deseja e sente a tecnologia como pertencente à sua vida.

Sendo assim, as instituições escolares e os professores precisam ter disponíveis esses recursos e aplicá-los a sua prática diária inteirando os alunos sobre as possibilidades que elas abrirão na sua vida escolar e até mesmo profissional e pessoal.

A tecnologia é notadamente uma parceira da aprendizagem. Ela é capaz de criar e ampliar possibilidades de aprender, isso não pode ser negado. Muitas escolas e universidades já perceberam esse potencial e investem na sua utilização cada vez mais.

Mas não se trata apenas de informatizar a escola. A maneira como esses recursos serão utilizados faz a diferença entre a nova forma de ensinar e a repetição de velhas práticas com novos recursos. É aí que o trabalho docente é de grande relevância e a preparação do professor é decisiva.

O que se percebe é que enquanto muitos professores buscam adquirir competências para lidar com esse novo contexto, outros agem como se a as novas tecnologias não existissem, prejudicam a sua atuação, afetam diretamente a aprendizagem dos alunos e reforçam o desinteresse pela escola.

É preciso investir cada vez mais em cursos de formação docente e de formação continuada, buscando inserir uma nova forma de pensar o processo ensino aprendizagem e até de se pensar na escola, quebrar paradigmas em todas as esferas, sejam alunos ou profissionais da educação, a escola não pode ser vista como um mundo à parte e sim como parte do mundo. Dar suporte para que as mudanças efetivamente façam parte do cotidiano escolar, esse é o grande desafio de todos que buscam uma educação capaz de transformar pessoas e mundos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elisabeth. **Proinfo Informática e formação de professores**. Série de Estudos Educação a Distância. Volume 1. Brasília: MEC/SEED, 2000.

COLL, César. MAURI, Tereza. ONRUBIA, Javier: A Incorporação das tecnologias da informação e da comunicação na educação: do projeto técnico-pedagógico às práticas de uso. In: Coll et al. **Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DEMO, Pedro. **Conhecimento moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. OLIVEIRA, João Ferreira. TOSCHI. Mirza Seabra. **Educação Escolar: política, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2003.

LITTO, F. M. ; FORMIGA, M. (Orgs.). **Educação a distância – o estado da arte**. São Paulo: Pearson/Prentice Hall, 2012.

MORAN, José Manuel. Interferências dos meios de comunicação no nosso conhecimento. **INTERCOM Revista Brasileira de Comunicação**. São Paulo, 2005.

_____. **Atividades & experiências** (Entrevista) Jul. 2005. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/positivo.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2010.

POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

O RELATÓRIO “A Europa e a Sociedade Global da Informação Recomendação ao Conselho Europeu” assinado em 26 de Maio de 1994 na capital de Bruxelas. Disponível em <http://bookshop.europa.eu/pt/a-europa-e-a-sociedade-global-da-informa-o-pbCD8494290/?CatalogCategoryID=IR4KABst5vQAAEjxZAY4e5L>. Acesso em 12 de set. de 2010.

TORI, Romero. **Educação sem distancia: as tecnologias interativas na redução de distancias em ensino e aprendizagem**. São Paulo: Editora SENAD, 2010.

VALENTE, José Armando. FREIRE, Fernanda Maria Pereira. **Aprendendo para a vida: os computadores na sala de aula**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

Recebido em 1º de junho de 2013
Aprovado em 20 de agosto de 2013